

PERSONAGENS:

Popóva - viuvinha de covinha nos faces, fazendeira.

Smirnov - fazendeiro, relativamente moço ainda.

Lucas - criado de Popóva, um velho.

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEXTO.
AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE N.º 10.6

CENA 1

POPOVA de luto pesado, não tira os olhos de uma fotografia.

LUCAS:

- Assim vai mal, patroa... A senhora está se matando, é isso... A criada e a cozinheira forem ao bosque catar amoras, tudo está que é só alegria, e o gato, até ele sabe o que ~~lhe~~ convém e passeia pelo quintal caçando passarinhos, e a senhora fica o dia inteiro trancada no quarto, como num convento, e nada ~~lhe~~ de se distrair. De verdade! Contando bem, já faz quase um ano que a senhora não sai de casa!...

-E não sairei nunca mais... Para que? Minha vida acabou-se. Ele está no cemitério, e eu me sepultei aqui entre quatro paredes. Estamos mortos os dois.

-Or a, ora! Nem quero escutar estas coisas! Se Nicolau Mikailov ítch morreu, quer dizer que assim tinha de ser, era a vontade de Deus, e que ele repouse em paz... A senhora já chorou muito - agora chega. Vai ficar a vida toda chorando e vestindo luto? Também a minha velha morreu quando chegou a vez dela. E daí? Chorei, chorei durante um mês, e foi o suficiente... (SUSPIRA) A senhora já esqueceu até os vizinhos... Nem vai procurá-los, nem os recebe em casa. Estamos vivendo, me perdoe, que nem aranhas, sem ver a luz do dia. Os ratos até já comeram a minha libré... Se ainda não houvesse gente boa por perto... mas a região está cheia de senhores distintos... Em Riblov está aquartelado um regimento... os oficiais são uns verdadeiros amores, a gente não cansa de olhar para eles! No acampamento há baile as sextas-feiras, e há banda militar... Eh, patroezinha! E moça não lhe falta nada para viver e gozar a vida... Olhe que beleza não é para a vida inteira! Daqui a dez anos, vai querer dar umas voltinhas, enfeitigar os senhores oficiais, mas então já será tarde.

(2)
-(DECIDIDA) Beço-te que nunca mais fales nestas coisas. Tu bem sabes que desde que perdi Nicolau Mikailovitch, a vida para mim deixou de ter qualquer valor. A ti parece que eu estou viva, mas é aparência! Eu fiz um juramento a mim mesma de jamais tirar luto, e não ver mais ninguém até morrer... Ouviste? Que a sombra dele veja como eu o amava... Sim, eu sei, para ti não há segredo, que muitas vezes ele foi injusto para comigo, e cruel, e... até ~~XXI~~ infiel, mas eu lhe provei como sei amar. Lá, ~~XXII~~ sob a sepultura, ele me verá tal qual eu era antes da sua morte.!!

-Em vez de falar assim era melhor que a senhora fosse dar uma volta pelo jardim, ou então que mandasse atrelar o Toby ou Gigante, e fosse visitar os vizinhos...

-(CHORA) Oh:

-Patroa: Mãezinha!... Que é isso? Santo Deus!

-Ele gostava tanto do Toby: Sempre o atrelava para visitar os Kortchúghin e os Vlássov. E como conduzia bem! quanta elegância a sua quando esticava as rédeas com toda a força! Lembras-te: Toby Toby! Manda dar-lhe hoje uma ração suplementar de aveia.

-Sim senhora: (A CAMPAINHA TOCA FORTE)

-(ESTREMEECE) Quem é? Vá dizer que eu não recebo ninguém!

-Sim, senhora: (SAI)

CENA 2

EMEXI POPOVA SÓ

-(OLHANDO A FOTOGRAFIA) "Tu verás Nicola", como eu sei amar e perdoar... Meu amor (RI ATRAVÉS DE LAGRIMAS) não te envergonhas? Eu tão boazinha, tua mulherzinha, fiel, tranquei-me a sete chaves e te serei fiel até a sepultura... e tu... e tu não tens vergonha, meu bichinho? Tu me traías, me fazias cenas, me deixavas semanas inteiras sozinha...

CENA 3

POPOVA E LUCAS

-(ENTRA AGITADO) Patroa, tem alguém aí que pergunta pela senhora... quer lhe falar...

-Mas tu não disstestest, que depois da morte de meu marido, eu não recebo ninguém?

-Eu disse sim, mas ele não fez caso, diz que se trata de um assunto muito urgente.

(3)
-Eu não re-ce-bo ninguém!

-Eu, já disse, mas... é um ver dadeiro demonio... xinga e vai entrando, empurrando... já está na sala de jantar...

-(IRRITADA) Todas as portas, manda entrar... Como eles são

(LUCAS SAI)

Como são atrevidos! Que é que eles querem de mim: por que perturbam a minha solidão? (SUSPIRA) Não, evidentemente eu tenho que fugir para um convento... (PENSATIVA) Sim, um convento...

CENA 4

-POPOVA-LUCAS-SMIRNOV

-(ENTRANDO-A LUCAS) Velho e retino, tu falas demais... Burro: (VENDO POPOVA -DIGNO) Senhora, tenho a honra de me apresentar: Gregório Stepanovitch Smirnov, tenente de artilharia reformado e fazendeiro: fui obrigado a incomodar-vos por um negócio muito importante...

-(SEM ENTENDER A MÃO) O que desejais?

-Se o finado marido, a quem tive a honra de conhecer, ficou-me devendo duas letras no valor de mil e duzentos rublos. Como amanhã tenho um pagamento de juros no Banco Agrícola, tomo a liberdade de pedir-vos, senhora, que me pagueis este dinheiro ainda hoje -Mil e duzentos rublos?... Mas a que se refere esta dívida do meu marido?

-Refere-se a uma compra de aveia.

-(COM UM SUSPIRO, A LUCAS) Não te esqueças de mandar ao Toby uma ração suplementar de aveia. (LUCAS SAI. A SMIRNOV) Se nicolau Mikailovitch ficou devendo é claro que eu pagarei; mas, desculpa-me, por favor, se não vos posso pagar hoje, porque não tenho dinheiro disponível. Depois de amanhã o meu administrador volta da cidade e eu lhe ordenarei que vos pague o que vos é devido; mas por enquanto não posso atender ao vosso pedido... Além disso, faz hoje exatamente sete meses que meu marido morreu, e o meu estado de espírito neste momento absolutamente não me permite tratar de negócios.

-Pois o meu estado de espírito é tal, que se amanhã eu não pagar os juros ao banco, terei de abrir falência: Vão confiscar a minha propriedade!

-Depois de amanhã vós tereis o dinheiro.

-Eu preciso de dinheiro hoje e nao amanha.

-Peço perdão,mas hoje não vos posso pagar.

-Mas eu não posso esperar até depois de amanhã:

-Que é que eu posso fazer,se agora nao tenho dinheiro?

-Quer dizer que não podereis me pagar?

-Não posso...

-Hummm! É a sua ultima palavra?

-Sim,a última.

-A última definitivamente?

-Definitivamente.

-Humildemente grato.Tomarei nota.(DÁ DE OMBROS) E ainda querem que eu tenha calma.Agora mesmo me encontrei na estrada com o fiscal, que me disse:"por que estais assim zangado,Gregorio Stepanovitch:" Mas,Deus do céu,como quereis que eu não me zangue?Preciso de dinheiro,estou com acorda no pesc oço .Saí de casa ontem,de madrugada, vis itei um por um todos os meus devedores,e ninguém me pagou! Estou cansado que nem um cachorro,persei a noite num albergue miserável-junto d um barril de vodka...~~XXX~~afinal chego aqui,~~XXX~~ setenta verstas de casa,na esper ança de rec eber o meu dinheiro,e me presenteiam com"estados de espírito": Como é que eu não hei de ficar zangado.

-Parece-me que fui explícita:recebereis o vosso dinheiro assim que o administrador voltar da cidade.

-Eu não vim procurar o vosso administrador,mas vós,senhora!Para que diabo,com perdão da palavra,eu quero o vosso administrador!

-Perdão,meu senhor,não estou acostumada com estas expressões estranhas,e com este tom de voz.Não vos escuto mais.(SAI RAPIDAMENTE)

-:::

CENA 5

SMIRNOV SÓ

-Vejam só seu estado de espírito...Faz sete meses que o marido morreu!Mas e eu,devo ou não pagar os juros?Pergunto-vos:é preciso ou não pagar os juros?Bem,ovosso marido morreu,vosso estado de espírito...e todas estas complicações...o administrador está viajando,o diabo que o carregue~~XXX~~!e eu? Que devo fazer?Fugir dos credores num balão,quem sabe? Ou tomar folego e dar com a cabeça na parede? Vou eu Gruzdov não está em casa,Yarochevitch es-



PELO PELO PESCOÇO

condeu-se, com o Kuritsain tive um pega d os diabos e quase o atiro
pela janela fora, ~~XXXX~~ Masutov está com dor de barriga, e esta aqui,
então, está com estados de espírito: Nenhum desses e alhas me paga
e tudo porque os tratei com vela de libra, porque s ou coraçõ da
açúcar, um maricas: Sou muito delicado com eles; ~~XXXX~~ Mas eles
perdem por espe rar: Vão ver quem sou eu: Não admit o que brincuem
com igo, ~~di~~aque diabo: Fico aqui não arredo o pe até que ela me
pague: GRRR:!: Como estou furioso hoje, c omo estou furioso: Até as
minhas artérias tremem!... Meu deus, estou com falta de ar: Estou
me sentindo mal: (GRITA) Eh: Hpmem: Acudam:...

CENA 6

SEIRNOV E LUCAS

-(ENTRANDO) Que desejais?

-Me da água :(LUCAS SAI) Mas onde está a lógica disso? Um homem
precisa de dinheiro como de ar para respirar, está enforcado, e ela
não paga, porque, compreendeis, "não está com disposição para tratar
de negócios";:... A legítima, cretiníssima lógica feminina: É por
isso que jamais gostei, nem gosto de falar com mulheres. É mais fá-
cil para mim sentar num barril de pólvora do que conversar com
uma mulher. GRRR:!: Estou até sentindo arrepios na pele-a tal ponto
me enfureceu esta dona! Boste eu ver de longe um desses seres poé-
tic os que de raiva fico até com cãimbras nas panturrilhas! Da von-
tade de urrar!

CENA 7

SEIRNOV E LUCAS

+(ENTRANDO COM ÁGUA) A senhora se sente mal e não r ecebe.

-Some daqui!: (LUCAS SAI) Sente-se mal e não recebe! Está bem,
não me receba! Fico aqui e daqui não saio até que me pagues meu
dinheiro! Se ficares doente uma semana, ficarei uma semana... e se
for um ano, ficarei um ano... Vou levar o que é meu, seja como for!
Não me comoves com luto, nem com as covinhas na face... Já conhe-
ço tais covinhas!: (PELA JANELA) Simã o! Desatre-la! Não sairemos ~~XXXX~~
daqui tão cedo! Eu fico aqui! Avisa la na estrebaria, para dare m-
aycia aos cavalos! Outra vez, seu idiota, a água da esquerda se em-
baraçou nas rédeas. (ARREMEDA) "Não há de ser nada..": Eu já te mos-
tro, não há de s er nada! (SAI DA JANELA) Isto vai mal... Não ca-

lor não se aguenta,ninguém solta o dinheiro, passei mal a noite, e agora esta dona de crepe enlutada com estado de espirito... que dor de cabeça...uma vodka quem sabe...Va le uma vodka (LUCAS SAI)
Eh! Acudam!

(ENTRANDO) O que é :

-Me traz vodka:(LUCAS SAI) Uff.(SENTA-SE E SE EXAMINA) Sim senhor, que figura! Todo empoeirado, as botas imundas, sujo, despenteadado, palha no colete ...A viuvinha vai ver, deve ter tomado por alguma bandido.(BOCEJA) É um tanto indelicado aparecer na sala neste estado o, bem, mas não faz mal...Aqui não sou visita e sim credor e não há traje de rigor para credores...

-(ENTRANDO COM A VODKA) O senhor toma muita liber dade...

-(ENFEZADO) O que:

-Eu ...eu nada...quer dizer...

-Com quem estás falando : Cala a boca!

-(A SUCAPA) Que diabo nos e aiu do céu!...que tinhor o trouxe aqui. (LUCAS SAI)

-Ah, como esteu furioso! Tô furioso que serie capaz de pulverizar o mundo inteiro!... Me sinto mal...(SENTA) Acudam!

CENA 8

SMIRNOV E POPOVA

+(ENTRA - OLHOS BAIXOS) Prezado senhor, na minha solidão há muito tempo que perdi o hábito de ouvir vozes humanas, e não suportto gritos. Peço-vos encarecidamente não perturbar o meu sossego!

-Paguei-me o dinheiro e eu irei embora.

-Eu vos disse claramente: não tenho dinheiro comigo, esperai só até depois de amanhã.

-Eu também tive a honra de voê dizer claramente: preciso de dinheiro hoje, e não depois de amanhã. SE não me pagardes hoje, amanhã terei de me enforçar.

-Mas que quereis que eu faça, se não tenho dinheiro? que coisa!

-Então, não pagardes agora: Não!

-Não posso...

-Neste caso eu fico aqui, sentado...(SENTA-SE) Pagar eis só depois de amanhã: Excelente! Ficarei sentado aqui, deste jeito, até depois de amanhã... Assim, deste jeito.(LEVANTA-SE NUM PULO) Eu vos pergunto:tenho de pagar os juros amanhã, ou não?...Ou pensais que estou gracejando?

-Presado senhor, peço-vos não levantar a voz, isto se ui não é uma est rebaria.

-Não vos perguntei se é uma estrebaria, mas sim, se preciso ou não pagar os juroz amanhã!

-Vós não sabeis se emporter em companhia feminina!

-Se sei!

-(GRITA) Não, não sabeis! Sois um homem mal educado e grosseiro. Gente fina não fala assim com uma senhora!



-Oh! Que coisa extraordinária! Como ordenais então que vos fale? Em Frances, quem sabe? (FURIOSO; EXAGERADO) "Madame, je vous prie..." como me sinto feliz por não me pagardes a dívida! Oh, pardon, por vos ter incomodado! Como está lindo o dia de hoje! E o luto vos senta tão bem! (FAZ UMA REVERENCIA MILITAR)

-Isto não tem graça e é grosseiro.

-(ARREMEDA) "Não tem graça e é grosseiro!" Eu não sei comportar em enpanhia feminina! Madame, em minha vida eu vi mais mulheres do que vós andorinhas! Batí-me em duelo três vezes por causa de mulherer; abandonei nove mulheres e nove me abandonaram, e sim! Sim, é isso mesmo senhora! Houve um tempo que eu era estúpido, puro mel, doce como leite de amendoas, rolava como pérolas, girava sobre os calcanhares... Amava sofria, suspirava ao luar, murcheva, derretia congelava... Amava apaixonadamente, desenfreadamente, de todas as maneiras o r aio que o parte, matraqueava que nem uma grelha sobre a emancipação da mulher, esbanjei metade da fortuna com os ternos sentimentos, mas agora basta? Agora ninguém mais me embrulha! Chegou! Olh os negros, tentadores, labios rubros, covinhas nas faces, luz, murmurio, tímidos suspiros, por tudo isso, madame eu não dou um tortão furado! Não falo dos presentes, mas todas as mulheres, velhas ou moças, são fingidas, hipócritas, mexeriqueiras, intrigentes, invejosas, mentirosas até a medula dos ossos, fiteiras, mequinhas, maldosas, cruéis, e quanto a isso (BATE NA TESTA) perdoe-me a frequência qualquer pardo do melhor filósofo de saias! Olhai para qualquer um destes seres poéticos: é gaze e séfiro, é semi-deusa, um milhão de extases - mas olhai para dentro de sua alma - não passa de um simples crocodilo! (AGARRA O ENCOSTO DA CADEIRA, QUE ESTALA EX SE QUEBRA) mas o mais incrível de tudo é que esse mesmo crocodilo, não se sabe por que cargas d'água, imagina que o seu obre prima, o seu privilégio e monopólio é o mais tenro dos sentimentos! Mas, mil rei os me partem, que me pendurem neste gancho de cabeça para baixo, se

9
uma mulher sabe amar alguma coisa e não ser um lulu: Em amor ela só sabe choramingar e lamentar: Onde um homem sofre e se sacrifica, todo o amor de uma mulher se exprime em suspirar, levar o homem pel o nariz. Vós tendes a desgraça de ser mulher, portanto deveis saber por experiência própria qual é a natureza feminina. Dirigi-vos pois com a mão na consciência: já encontrastes em vossa vida uma mulher que fosse sincera, fiel e constante? Nunca: fiéis e constantes são só as velhas e as aleijadas: É mais fácil encontrar um gato com chifres do que uma mulher constante!

-Perdão, meu senhor, e na vossa opinião, quem é, então fiel e constante no amor? Não me diga que são os homens?

-Sim, os homens!

-Os homens: (RISO MAU) O homem é fiel e constante no amor! Mas, sim senhor, que novidade! (ACALORADA) Mas que direito tendes vos em afirmar isto! Os homens são fiéis e constantes: Já que estamos discutindo isso, deixai-me dizer senhor, que de todos os homens que jamais conheci e conheço, o melhor foi o meu defunto marido... Eu o amava apaixonadamente, com todo o meu ser, como só pode amar uma mulher jovem e inteligente; eu dei-lhe a minha mocidade, minha felicidade, minha vida, minha fortuna, ele era o meu ar, o meu tudo, eu o adorava como a um Deus, e... e... o que? Este melhor dos homens me enganava desavergonhadamente a cada passo: Após a sua morte encontrei na sua gaveta um pacote de cartas de amor, e em vida - é ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ horrível recordar! Ele me deixava sozinho semanas inteiras, cortejava outras na minha frente, traía-me, esbanjava o meu dinheiro, e zombava dos meus sentimentos... E apesar de tudo isso, eu o amava e lhe era fiel! Mais do que isso, ele já está morto e eu continuo sendo fiel e constante. Eu sepultei-me pelo resto da vida entre quatro paredes, e não tirarei este luto até a morte!

- (RISO DE DESESPERO) Luto!... Não entendo porque me toméis! Como se eu não soubesse porque vestis este dominió negro e vos trancais entre quatro paredes! É claro! Isto é tão misterioso, tão poético! Pensa pela fazenda um cadetinho qualquer, ou qualquer poetaastro de peço quebrado, olha para as janelas e pensa: "Aqui vive o misterioso Tamerlán, que por amor ao marido se sepultou entre quatro paredes... Já conhecemos esses truques!"

-(IRADA) O que? Como vos atreveis a me dizer semelhantes coisas!

-Vós vos sepultastes em vida, porém não esquecestes de empurrar as portas!

5
-Mas como vos atreveis a falar dessa maneira?

-NÃO griteis por favor, não sou o vosso administrador! E permiti que eu chame as coisas pelos seus próprios nomes. Não sou mulher e costumo dizer as minhas opiniões abertamente! Portanto não gritei minha senhora!

-Não sou eu que estou gritando, sois vós! Tende a bondade de me deixar em paz!

-Peguei o meu dinheiro e ir-ei embora.

-Não vos darei dinheiro algum!

-Dareis sim!...

-Por desforo, não vos darei nenhum tostão! Podeis me deixar em paz?

+Não tenho o prazer de ser nem vosso esposo, nem vosso noivo, portanto, por favor, não me graces cenas. (SENTA-SE) Não gosto dessas coisas.

-(SUFOCANDO A RAIVA) vós vos sentastes!

-Sentei-me.

-Peço-vos que vos retireis!

-Dei-me o dinheiro... (A SOCARA) Oh! Como estou furioso! Como estou furioso!

-NÃO tenciono conversar com grosseiros atrevidos! Tende a bondade de sair daqui imediatamente! (PAUSA) Não ireis embora? Não é?

-Não.

-Não.

-Não.

-Muito bem!

CENA 9

OS MESMOS E LUCAS

+Lucas, acompanha este senhor até a porta.

-(APROXIMA-SE DE SMIRNOV) Senhor, tende a bondade de vos retirar quando vos mandem... Nada de...

-(LEVANTA NUM PULO) Cala a boca! Com quem estais falando Já te faço virar picadinho!

-(PUNDO A MÃO NO CORAÇÃO) Deus do céu! Nossa senhora! (CAI NA POLTRONA) Oh! Que ansia, que ansia, ...meu folego!

-Onde está a Dacha? (GRITA) Dacha? Pel agúcia! Dacha! (TOCA)

+Oh! Todas saíam... Não te m ninguém e m casa!... Que ansia!

- Fizei o finora de por-vos daqui para fora:
 -Não quereis ser um pouco mais cortez, madame?
 -(FECHANDO OS PUNHOS E BATENDO OS PÉS) Lebrege - grosseirão:
 Urso: Monstro:



-Como, que dissesteis?
 -Eu disse que vós sois um urso...um monstro:
 (DANDO UM PASSO PARA ELA) Perdão, mas que direito tendes vós de me insultar?

-Sim, insulto...E daí : Pensais que tenho medo de vós?
 -Vos pensais que ,só porque sois um dos tais seres poéticos, já tendes o direito de insultar impunemente? Hein? Exijo satisfação:

-Deus do céu: Nossa senhora!...Agua Agua!...

-A tiros:

-Se tendes punhos fortes, e garganta de touro, pensais que só por isso eu tenho medo, hein: Urso grosseiro:

-Exijo duelo: Não admito que ninguém me insulte, e não me importo que vós sejais uma mulher, uma frágil criatura:

-(PROCURANDO GRITAR MAIS ALTO) Urso: URSO! URSO!

-Já é tempo afinal, de deixar este preconceito de que só os homens devem pagar pelos insultos: Direitos iguais, e que seja em tudo: Com mil diabos: Ao duelo:

-Quereis resolver a tiros?: Com muito gosto:

-Imediatamente:

-Imediatamente: Meu marido deixou as pistolas...já vou busca-las...(SAI RAPIDAMENTE E VOLTA) Com que prazer meterei uma bala neste teste de ferro: Que o diabo vos carregue. (SAI)

-Vou matá-la que nem um pinto: Não sou nenhum moleque, nenhum filhote sentimental, para mim não existe criaturas frageis:

-Paizinho querido: (CAI DE JOELHOS) Faz uma caridade, tem pena de um velho, vai te embora && daqui: Já nos assustastes de meter, e ainda queres dar tiros:

-(SEM ESCUTA-LO) Duelo a tiros, isso sim, isso que é igualdade, emancipação: Aqui ambos os sexos são iguais: vou dar-lhe um tiro por mero pzxaxx principio! Mas que mulher! (ARRÉMEDA) " Que diabo vos o carregue...meter uma bala nesta testa de ferro..." Que tal a cenz? As fazer em fogo os olhos

furar a vossa testa...Esta testa, que odeio tanto: Estais com medo?

-Sim, estou com medo.

-Mentira: POR que não que reis baterem-vos?

-Porque...Porque vós...me agradais:

-(RISO MAL) Eu lhe agradeço: Ele se atreve a dizer que lhe agradeço: (MOSTRA A PORTA) Tende a bondade.

-(EM SILENCIO COLOCA O REVOLVER NA MESA; APANHAA O BONÉ E VAI; JUNTO A PORTA PARA; POR MEIO MINUTO AMBOS FICAM SE FITANDO CALADOS; DEPOIS ELE FALA, APROXIMANDO-SE DELA, HESITANTE) Escutai...Vós ainda estais muito zangada?...Eu também estou furioso, mas, vós compreendeis...como posso dizer...o caso é que, de fato...o caso é, quero dizer...(GRITA) Ora bolas: Será que eu tenho culpa se vós me agradastes? (AGARRA O ENCOSTO DA CADEIRA QUE RANGE E SE QUEBRA) Comos diabos que mobília frágil, a vossa! Vós me agradais...Compreendeis: E Eu...eu estou quase apaixonado.

-Afastai-vos de mim: Eu vos detesto:

-Meu Deus, que mulher; eu não na minha vida vi nada de semelhante: Estou perdido: Liquidado: Caí na armadilha que nem um rato:

-Afastai-vos senão eu atiro:

-Atirai: Não podeis compreender, que felicidade será morrer sob a luz destes olhos divinos, morrer pela arma segura nesta mimosa mãozinha de veludo...Estou louco: Pensei e resolvi já, porque se eu sair daqui, nunca mais nos veremos: Decidi: Sou um nobre, um homem de bem, tenho uma renda anual de dez mil rublos...acerto uma bala num níquel atirado ao ar...Possuo cavalos excelentes...Quereis ser minha esposa?

-(INDIGNADA; SACUDINDO A ARMA) A tiros : Ao duelo :

-Estou louco; Não entendo mais nada!(GRITA) Homem: Ague:

-(GRITANDO) Ao duelo:

-Estou louco, estou apaixonado que nem um moleque, que nem um bobo: (AGARRA-LHE A MÃO, ELA GRITA DE DOR) Eu vos amo: (AJUDE-LHADO) Amo-o , como jamais amei na vida: Abandonei doze mulheres, nove mulheres me abandonaram, mas a nenhuma delas amei como vos amo senhora: Estou amolecido, derretido, liquefeito: Estou de joelhos, que nem um idiota, e ofereço-vos a minha mão e uma vergonha, uma humilhação: Na cinco anos que não me apaix-





...ono, fiz uma promessa colene pra mim mesmo, e agora, de repente, bumba: Enrasquei-me que nem um fedelho: Ofereço-vos minha mac: Sim ou não? Não quereis? Não é preciso: (LEVANTA-SE E VAI PARA A PORTA)

-Esperai...

-(PARA) Então?

-Nada, podeis ir...por outra, esperai...Não, ide, ide: Eu vos detesto: ou...Não: Ficai: Ah : MAAA SE soubesseis como estou furiosa, como estou furiosa: (ATIRA O REVOLVER NA MESA) Fiquei com os dedos duros desta porcaria...(RASGA O LENÇO DE RAIVA) Que estais esperando do air Rua!

-Adeus.

-Sim, sim, ide embora: (GRITA) Mas par a onde ide? Esperai... ora podeis ir. Oh, como estou furiosa! Não vos aproximeis, não chegueis perto:

-(APROXIMANDO-SE DELA) Como estou furioso, comigo mesmo! Apaixonei-me que nem um ginociano, fiquei de joelhos...Até sinto arrepios na pele...(GRUSSEIRO) Eu vos amo: Era só o que me faltava: Amenhã tenho que pagar os juro, a colheita ja começou, e agora esta história...(PEGA-A PELA CINTURA) Nunca me perdoarei isto:

-Afastei-vos, Tirai as mãos: Eu vos...eu vos detesto: Ao duelo: (BEIJO PROLONGADO)

CENA 11

OS MESMOS? MAIS LUCAS COM MACHADINHA, JARDINEIRO COM ANGINHO, COCHEIRO COM CERPO DE FERRO E VÁRIOS TRABALHADORES COM FAS, ETC...

-(VENDO A CENA) Minha mãe sentíssimo: (PAUSA)

- (DE OLHOS BAIXOS) Lucas, avisa lá na cocheira para não doarem aveia alguma ao Toby, hoje.

F A N O



Título da obra: O URSO
Autor: Anton Tchekhov
Personagens: Elena Ivanovna (Popova) - Proprietária.
Grigori Stepanovitch - proprietário de
meia idade.
Luka - mordomo de Popova.

A cena se passa na sala de estar de Popova.

LUKA - Isto assim não pode continuar, minha senhora. A senhora, dessa maneira, dá cabo de si. A criada e o cozinheiro foram os dois colher fruta ao pomar; toda a gente anda satisfeita e contenta, até o gato sabe gozar a vida e corre pelo quintal na caça das galinhas: e só a senhora se deixa ficar aí sentada nessa cadeira dia inteiro como se estivesse num convento, sem procurar divertir-se. Francamente! Há já um ano que a senhora não sai de casa.

POPOVA - Nem nunca mais hei de sair... Para que? A minha vida acabou. O meu marido na sua cova; e eu enterrada entre essas quatro paredes... Ambos estamos mortos.

LUKA - Lá torna a senhora a mesma coisa! Deus quis que Nicolau Mikahilovitch morresse, e possa a sua alma descansar em paz... A senhora chorou-o e deu-lhe luto por ele: - muito bem, fez o seu dever. Mas não pode chorá-lo eternamente, nem andar eternamente de luto. Também a minha mulher morreu quando chegou a sua vez. E depois, chorei a sua falta e lamentei-me como um desgraçado durante um mês, e chegou bem, pois se a chorasse durante a vida inteira de nada lhe serviria, nem mesmo ela o merecia. (suspira) Além disso minha senhora esqueceu todos os seus vizinhos. Não vai a casa deles, não os quer receber... Vivemos, se assim se pode dizer como aranhas, sem nunca ver a luz do dia... Até os ratos já comeram a minha casaca! Dir-se, digo, dir-se-ia não haver pessoas decentes entre a vizinhança, quando o distrito está cheio delas! Está um regimento aquartelado aqui perto, em Riblov. Os oficiais são tão simpáticos..., não se cansa a gente de olhar para eles. Todas as sextas-feiras há um baile no campo, e a banda militar toca todos os dias, digo, dias... A senhora é nova e bonita, devia divertir-se um pouco... Olhe que a beleza não dura sempre... Daqui a dez anos, há de querer pavonear-se entre os oficiais, mas eles já nem para si hão de olhar... Será demasiado tarde...

POPOVA - (Imperiosamente). - Ordeno-te que nunca mais me tornes a falar em semelhante assunto! Sabes que desde a morte de Nicolau Mikahilovitch a vida perdeu para mim todo o encanto. Parece-te que vivo, mas é só na aparência. Jurei vestir-me de luto até o último dos meus dias e nunca mais ver a luz do sol! entendeste? Que ao menos o seu espírito possa avaliar bem quanto eu o amava... Sim, eu sei - e tu também sabes - que para mim ele foi várias vezes desagradável, mau e ...até mesmo infiel, mas hei de ser-lhe leal até a morte e mostrar-lhe o amor de que sou capaz! Assim, além do túmulo, ele me, me, digo, ele me verá exatamente igual ao que era antes da sua morte.

LUKA - Em vez de falar dessa maneira, a senhora faria melhor se fosse dar uma volta pelo jardim, ou se mandasse aparelhar o Toby ou o Gigante para ir de passeio visitar alguns dos nossos vizinhos.

POPOVA - Oh!... (Chora).

LUKA - Mas...minha senhora! Minha querida senhora! O que é isso? Minha me Deus!

POPOVA - Oh! O Toby! ...Ele era tão amigo do Toby! Costumava ir sempre com o Toby visitar os Korchagins e os Vlasovs. E que bem ele montava! Que graça tinha a sua figura, quando puxava pelas rédeas com toda a força! Lembras-te? Toby...Toby...Dize ao cocheiro que lhe dê hoje o dobro da ração de aveia.

LUKA - Sim, minha senhora. (A campanha toca ruídos, digo, ruidosamente).

POPOVA - (estremecendo). - Quem será? Hoje não recebo ninguém.

LUKA - Está bem, minha senhora. (Sai).

POPOVA - (olhando para a fotografia). - Tu verás, Nicolau mikahilovitch, como eu sou capaz de amar e perdoar...O meu amor morrerá comigo, somente quando este pobre coração deixar de bater. (Rindo através das lágrimas). Mas tu não te sentes envergonhado? Sou uma mulher boa e virtuosa, fechei-me aqui dentro, jurei ser-te fiel até a morte..., e tu...não tens vergonha, não? Tantas desilusões que me deste, tantas discussões que provocaste, tantas semanas sem fim que me deixaste sozinha...

LUKA - (entrando consternado).- Minha senhora! É um cavalheiro que pergunta pela senhora e que lhe quer falar por fora, digo, força...

POPOVA - E não lhe disseste que desde a morte de meu marido deixei de receber visitas?

LUKA - Pois disse. Mas ele nem ouviu, insistiu que era um assunto muito urgente...

POPOVA - (categórica).- Eu não o recebo! Fica entendido!

LUKA - Foi exatamente o que eu lhe disse, mas...mas...o diabo do homem desatou a praguejar e entrou mesmo...Agora já ele está na sala de jantar.

POPOVA - (aborrecida).- Muito bem, dize-lhe então que entre...Que maneiras! (Luka sai). Oh, como estas pessoas me aborrecem! Que poderá ele querer de mim? Porque virá quebrar o meu sossego? (Suspira). Não, decididamente, é melhor deixar esta casa e ir para um convento...(Pensativamente). Sim, para um convento...(Entra Luka com Smirnov).



SMIRNOV -(para Luka).- Velho tonto! Falas, falas... Pareces ter corda, caramba! (Vê Popova). Ah! (Dirige-se-lhe com respeito). Minha senhora! Tenho a honra de me apresentar: Grigori Stepanovitch Smirnov, proprietário e tenente reformado de artilharia. Se não quiser vir importuná-la, é porque se trata de um assunto muito grave e urgente.



POPOVA- (secamente, sem lhe estender a mão). Queira dizer do que se trata.

SMIRNOV - O seu falecido marido, que tive a honra de conhecer pessoalmente, era-me devedor de 1200 rublos, importância de duas letras / do seu aceite. Como tenho de pagar amanhã os juros de uma hipoteca, venho pedir a V.Exª o favor de liquidar hoje a quantia em dívida.

POPOVA - Mil e duzentos rublos! E por que lhe devia meu marido essa importância ?

SMIRNOV - Seu marido, minha senhora, costumava comprar-me aveia.

POPOVA- (para Luka).- Luka, não te esqueças de mandar que dêem ao Toby o dobro da ração de aveia. (Luka sai). Se Nicolau Mikahilovitch / deixou um débito e, digo, a seu favor, pode ter a certeza que lhe será pago. Simplesmente, hoje é impossível, porque não tenho em casa dinheiro disponível.

SMIRNOV - Não tem ?!

POPOVA - Mas depois de amanhã, quando o meu procurador vier da cidade, dar-lhe-ei instruções para liquidar essa dívida.

SMIRNOV - Depois de amanhã ?!

POPOVA - Além disso, faz precisamente hoje sete meses que meu marido morreu, e encontro-me num estado de espírito que me impede de prestar a mais pequena atenção a assuntos de dinheiro.

SMIRNOV - E eu, minha senhora, encontro-me num estado de espírito que se não pagar os juros amanhã, tenho um enterro de primeira classe... Serei despojado das minhas propriedades!

POPOVA - O senhor terá o seu dinheiro depois de amanhã.

SMIRNOV - Não quero o dinheiro depois de amanhã. Quero-o hoje!

POPOVA - Queira desculpar, mas hoje não lho posso pagar.

SMIRNOV - E eu não posso esperar até depois de amanhã.

POPOVA - Que lhe hei de eu fazer se neste momento não disponho de dinheiro?

SMIRNOV - Isso quer dizer, minha senhora, que não me pode pagar?

POPOVA - Tal e qual. Que não posso pagar-lhe.



SMIRNOV - Muito bem. É a sua última palavra ?

POPOVA - Exatamente. A minha última palavra.

SMIRNOV - A última palavra ? Mas... mesmo ? A última palavra ?

POPOVA - Sim ! a última.

SMIRNOV - Muito obrigado. Tomarei nota disso... (Encolhendo os ombros). E depois de tudo isto, ainda querem que eu mantenha a calma!... Encontrei ontem na estrada um homem que me perguntou: "Por que razão andas sempre irritado, Grigori Stepanovitch ?" E como / diabo não hei-de eu andar irritado?! - respondi-lhe. Preciso desesperadamente deste dinheiro. Ontem, desde manhã cedo, fui procurar todos os meus devedores, andei quilômetros e quilômetros, e nem sequer um deles me pagou o que me devia. Depois de tudo isto, fiquei meio-morto, dormi, Deus sabe onde, numa hospedaria de acaso, com um barril de vodka ao lado. Por último venho ter aqui, a mais de setenta quilômetros de minha casa, à espera de receber algum dinheiro... e encontro esta senhora com um "estado de espírito"! E não querem que eu ande irritado!

POPOVA - Suponho ter-lhe dito, claramente, que o meu procurador lhe pagará quando voltar da cidade.

SMIRNOV - Oh! minha senhora! Eu não preciso para nada do seu procurador. Eu preciso é de si, exclusivamente de si! Que demônio tenho eu que ver com o seu procurador ?

POPOVA - Desculpe-me, senhor. Não estou habituada a ouvir tais expressões nem que me falem em semelhante tom! Não quero ouvir nem mais uma palavra. (sai).

SMIRNOV - Esta agora tem graça... (Imitando-a). "Estado de espírito"... "o meu marido morreu há mais, digo, há sete meses...", "o meu procurador chega depois de amanhã...". (Gritando para fora): Minha Senhora! Tenho ou não tenho de pagar os juros ? Ora veja: o meu marido morreu; a senhora encontra-se num estado de espírito e outros disparates assim... Quanto ao seu procurador, levou-o o diabo sei lá para onde... O que quer que eu faça? V. Ex^a julga que eu possa voar num balão para fugir aos meus credores ou o quê? Ou quererá porventura que eu parta a cabeça de encontro a um muro de tijolos? Procurei pelo Grusdev e não estava em casa. Yeroshevitch escondeu-se, tive uma violenta discussão com o Kurisín e por pouco não o atirei pela janela a baixo. Mazugo tinha qualquer coisa nos intestinos, e esta senhora agora tem "um estado de espírito" e está viúva do marido! Nem um destes patife me quer pagar. E tudo isto por que tenho sido um cavalheiro com todos..., um pedaço de cera mole em suas mãos. Mas esperem, esperem! A senhora verá quem eu sou... Diabos me levem se consentir

pagarem! Uff! Como eu estou irritado! Todo esse tremo de raiva até me custa a respirar! Parece-me até que estou doente!
(Gritando). Ó de casa!



LUKA - (entrando)- V.Ex^a. chamou?

SMIRNOV - Chamei, sim. Traz-me um refresco ou um copo de água gelada. (Luka sai). Que raio de explicação! Um homem prece, digo, precisa desesperadamente do seu dinheiro, e essa senhora não paga por que, com seiscentos diabos!, não está disposta a tratar de assuntos de dinheiro!...Por aqui se vê toda a estupidez da lógica feminina...É por essas e por outras que sempre me aborreceu, e cada vez mais me aborrece mais, ter de me entender com mulheres. Prefiro sentar-me em cima do, digo, dum barril pólvora a ter que discutir com uma mulher! Não posso ver uma dessas criaturinhas poéticas, nem mesmo a distância, sem sentir suores frios de pura raiva! Não posso, se quer! olhar para elas!

LUKA - (entrando com a água).- A senhora está doente e não quer ver ninguém.

SMIRNOV - Ponha-se já a mexer-se daqui para fora! (Luka sai espavorido) E esta heim?... Está doente e não recebe ninguém! pois muito bem minha senhora, muitíssimi, muití, digo, muitíssimo bem... Vou sentar-me nesta cadeira e ficar aqui até que me pague o meu dinheiro. Se lhe apetecer estar doente toda a semana, ficarei aqui toda a semana. Se estiver um ano doente, ficarei aqui um ano inteiro...Minha senho, digo, Minha querida senhora eu vim aqui para buscar o que é meu. E a senhora não me engana com o seus traje de viúva e as suas covinhas na cara! Já conheço esses truques! (Indo a janela e falando para fora).: Simeon desatrele os cavalos! Já não nos vamos embora! Fico aqui. Diga aos homens do estábulo que lhes dêem cevada! Palermo: lá deixe outra vez essas rédeas presas nas patas do cavalo! (aborrecido). "Queira desculpar..." Eu já te conto! " Queira desculpar (afasta-se da janela). Tudo isto vai de mal a pior...O calor sufoca-me e ninguém me paga o que me deve. Passei uma noite desgraçada e ainda por cima me aparece esta dama de luto com o se estado de espírito...Sinto um peso na cabeça...Preciso de beber um pouco de vodka. (Grita). Ó de casa!

LUKA - (entrando).- Diga-me.

SMIRNOV - Um copo de vodka! (Luka sai). Uff...(Senta e examina-se). Não há dúvida : estou numa linda figura. Este fato cheio de pó, e estas botas cheias de lama...A senhora se calhar tomou-me por um saltador de estrada! (Boceja). Não se pode dizer que seja de muito boa educação entrar numa sala neste estado, mas paciência

Eu não vim aqui como visita, mas sim como credor, e não me consta que para os credores haja indumentária especial.

LUKA - (entrando com um copo, digo, copo) - O senhor não está na sua casa... O senhor está a abusar...



SMIRNOV - (irritado). - O que é que você disse ?

LUKA - (gaguejando). - Eu..., a bem dizer, nada.

SMIRNOV - Olhe lá, sabe com quem está falando? Ora cale a boca!

LUKA - (a parte). - E não se vai embora! Foi o diabo que o trouxe... (sai).

SMIRNOV - Caramba, como eu estou irritado! Tão irritado, que me julgo capaz de reduzir o mundo a pó... E até me sinto doente. (Grita).
Ó da casa!

POPOVA - (entrando, o olhar pisado). - Senhor! Na minha solidão ainda não me habituei a uma voz de homem e como não posso suportar o barulho, peço-lhe uma vez mais que não perturbe o meu isolamento.

SMIRNOV - Dê-me então o meu dinheiro e vou-me embora imediatamente.

POPOVA - Já lhe expliquei bem claramente que não tenho dinheiro disponível, digo, disponível. Espere até depois de amanhã.

SMIRNOV - E eu também já lhe expliquei claramente que depois de amanhã o dinheiro não me serve para nada; é hoje que preciso dele. Se não me paga hoje, terei de me enforcar amanhã!

POPOVA - Mas que posso eu fazer, se aqui não tenho dinheiro? O senhor é uma pessoa tão esquisita!

SMIRNOV - Então a senhora não me paga agora, hem?

POPOVA - Não. Não posso.

SMIRNOV - Nesse caso ficarei aqui até que me pague. (Senta-se). A senhora paga-me depois de amanhã? Muito bem. Ficarei até depois de amanhã, aqui sentado nesta cadeira... (Levantando-se de repelão). Mas... Ó minha senhora! Tenho ou não tenho de pagar os juros amanhã? Ou julga que estou a brincar?

POPOVA - Por favor, não grite. Isto aqui não é propriamente uma cavalariça.

SMIRNOV - Deixemo-nos de histórias, minha senhora. Tenho ou não tenho de pagar os juros?

POPOVA - Não são maneiras de falar, digo, falar a uma senhora!

SMIRNOV - Ora, ora! Sei muito bem como se fala a uma senhora.

POPOVA - Não, não sabe. O senhor é rude..., é grosseiro. As pessoas dignas não se dirigem a uma senhora nesses termos.

SMIRNOV - Ora essa! E como quer a senhora que eu lhe fale? Em francês?...
(Afetadamente). "Madame, je vous en prie..." Não imagina como
me sinto feliz por V.Ex^{sa}. não me ter pago...Mas...desculpe-me
V. Ex^{sa} se a incomodei. Oh! O tempo está na verdade maravilhoso.
EE, digo, E não calcula como o luto lhe fica bem! "Ravissant
te"! (Faz uma vênua).

POPOVA - Oh! que parvoíce, que grosseria!

SMIRNOV - "Que parvoíce...que grosseria..."! Com que então, não sei co-
c, digo, mo se fala a uma senhora? - Madame, na minha vida /
tenho conhecido mais mulheres do que v.Ex^{sa}. pardais. Três ve-
zes me bati em duelo por causa do frágil sexo. Já recusei do-
ze mulheres e outras nove me recusaram. Sim...Houve um tempo
em que me conduzi como um parvo, andei perfumado, fiz versos
apaixonados, mais carregados do que uma noite tempestuosa, des-
fiz-me em rapapés...Amava, sofria, suspirava. enraivecia-me...,
amava, apaixonadamente, doidamente, de todas as maneiras pos-
síveis. diabos me levassem! Gastei metade da minha fortuna /
com a expansão de sentimentos ternos, mas agora...- tenha paci-
ência! Acabou-se! Já não me levam mais! Olhos negros, olhos a-
paixonados, lábios vermelhos, o luar, covinhas no rosto, se-
gredos, tímidos suspiros - hoje não dava um kopeck por tudo
isso, minha senhora! Com excessão das pessoas presentes, to-
das aw, digo, as mulheres, grandes ou pequenas, são falsas,
perversas, maldizentes, mentirosas até a raiz dos cabelos, frí-
volas, banais, cruéis, inconsequentes, e quanto a isto (bate
na testa), desculpe a minha maneira de falar, mas um pardal
vale bem dez filósofos de saias! Olha-se para uma dessas cri-
aturinhas poéticas com o se ar etéreo de semi-deusas, que nos
produz mil transportes de ae, digo, alegria, mas se lhes olhar-
mos para a alma, o que se encontra é um animal asqueroso e ras-
tejante - um crocodilo...Exatamente, minha senhora, um crocоди-
lo! (Agarra uma cadeira furiosamente). E com seiscentos demê-
nios, minha senhora, mas diga-me se alguma vez encontrou algu-
ma mulher que amasse alguém que não fosse o se cãozinho de re-
gaço? Quando uma mulher ama, não faz outra coisa que não seja
lamentar e choramingar...Enquanto nós, os homens, sofremos e
sacrificamo-nos, todo o amor de qu4, digo, que as mulheres /
são capazes se resume em compor mais provocantemente a mantilha
e lançar-nos o anzol de maneira a não poderms, digo, poderms /
escapar-lhe...A senhora, que teve a pouca sorte de nascer mu-
lher, deve conhecer bem o caráter das mulheres.

E diga-me, francamente: já alguma vez viu uma mulher, uma só! que fosse sincera, leal e constante? Não, minha senhora, apenas as mulheres feias e idosas são leais e constantes as outras..., é mais fácil encontrar uma galinha com dentes do que uma mulher fiel!

POPOVA - Então, na sua opinião, quem é que é sincero e constante no amor. É o homem ?

SMIRNOV - Sim, minha senhora, sem dúvida. O homem!

POPOVA - O homem! (Ri sarcasticamente). Com que então, o homem é que é sincero e constante no amor...! Que disparate! (Exaltada). Com que direito fala o senhor assim? Os homens sinceros e constantes! Pois já agora deixe-me dizer-lhe que, de todos os homens que conheci e conheço, o melhor era, sem dúvida nenhuma, o meu falecido marido. Amava-o com todas as forças do meu ser, como só uma mulher jovem, e ardente pode amar. Dei-lhe a minha juventude, a minha felicidade, a minha vida, a minha fortuna. Vivi por ele e para ele, adorei-o como se adora um deus e depois de tudo isto..., sabe o que sucedeu? Este homem que ainda assim era o melhor de todos, traiu-me, traiu-me vergonhosamente, traiu-me a cada passo! Quando morreu, fui encontrar em sua mesa de escritório uma gaveta cheia de cartas e mais cartas de amor que tinha recebido... É doloroso recordar isto, mas era seu hábito e costume deixar-me sozinha semanas, digo, semanas e semanas a fio, amar outras mulheres, atraiçoar-me diante dos meus próprios olhos. Gastou o dinheiro que era meu, troçou miseravelmente de todos os sentimentos puros que eu lhe dedicava. E apesar de tudo isto, amei-o e fui-lhe / sempre leal, não só enquanto viveu, mas ainda agora, que a morte o levou ao pé de mim. Fiel à sua memória, fechei-me entre estas quatro paredes, e jurei vestir de luto até o fim dos meus dias.

SMIRNOV - (Rindo afetadamente).- Luto...Por quem me toma a senhora? Como se eu não fosse, digo, soubesse a razão por que anda com esse manto preto e se enterrou entre quatro paredes! Dá-lhe um ar misterioso e poético, não é verdade? Pis, digo, Pois deixe-me dizer-lhe, a senhora está é a monopolizar as atenções, por que sabe que uma mulher enlutada desperta os instintos bestiais. E porque sabe que não faltarão homens que ao passarem por baixo de sua janela dir, digo, pensarão: "Aqui vive a triste viuvinha que por amor de seu marido se enterrou voluntariamente entre quatro paredes". Minha senhora, estamos fartos de conhecer esse jogo!

POPOVA - (explodindo).- O quê ? Como é possível que se atreva...

SMIRNOV - Se a senhora renunciou a tudo como então não se esqueceu de rebocar a cara com pó de arroz!

POPOVA - Como se atreve a falar-me dessa maneira.

SMIRNOV - Faça o fab, digo, favor de não gritar. Eu não sou seu criado. Suponho que não quererá impedir-me de chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome! Como não sou mulher, estou a, digo, habituado a dizer o que penso sem papas na língua. De qualquer modo, faça o favor de não gritar!

POPOVA - Quem está a gritar é o senhor, não sou eu! Por favor, mais uma vez lhe peço, deixe-me só!

SMIRNOV - Mais uma vez, dê-me o meu dinheiro e retiro-me imediatamente!

POPOVA - Não lhe dou dinheiro nenhum!

SMIRNOV - Ai isso é que dá!

POPOVA - Não lhe dou nem um copeck, ouviu? E deixe-me sozinha!

SMIRNOV - Minha senhora, não tenho o prazer de ser seu marido ou seu noivo. Faça portanto o obséquo de não fazer cenas, sim? (Senta-se). É uma coisa de que eu não gosto.

POPOVA - (furiosa).- Então...senta-se?

SMIRNOV - Eu ? Sento-me, sim senhor.

POPOVA - Já lhe ordenei que se retirasse!

SMIRNOV - Dê-me o meu dinheiro. (Aparte). Meu Deus, como estou irritado ! Como estou irritado!

POPOVA - Recuso-me a falar com uma pessoa tão baixa e insolente como o senhor. Saia daqui! (pausa). Não sai ? Não ?

SMIRNOV - Não.

POPOVA - Não ?

SMIRNOV - Não !

POPOVA - Muito bem. (Toca a campainha, entra Luka). Luka, indica a este senhor a porta da rua.

LUKA - (Aproximando-se timidamente de Smirnov).- Importava-se de sair como lhe pediram ? O senhor não precisa...

SMIRNOV - (levantando-se de um pulo).- Cale-se! Com quem pensa que está falando?! Olhe que eu lhe arranco as suíças.

LUKA - (levando a mão ao coração).- Ai, minha mãezinha! Que homem tão bruto! (Cai numa cadeira). Tenho febre, tenho febre...Falta-me a respiração!



POPOVA - Onde está Dasha? Dasha! (Grita). Dasha! Pelageya! Dasha!(Toca a campanha).

LUKA - Foram todos apanhar frutas minha senhora...Não está ninguém em casa. Estou com febre. Água! Água!

POPOVA - Saia daqui imediatamente!

SMIRNOV - Seja mais delicada.

POPOVA - (Cerrando os punhos e batendo com os pés no chão).- Malcriado! Grosseiro! O senhor é um monstro, é um urso, um urso, um urso!

SMIRNOV - O quê? O que foi que a senhora disse?

POPOVA - Disse que o senhor é um monstro, é um urso!

SMIRNOV - E com que direito me insulta.

POPOVA - E admitindo que estou realmente a insultá-lo, o senhor pensa que tenho medo de si?

SMIRNOV - E a senhora pensa que lá por ser mulher me pode insultar impunemente? Ahn? Não, isto não fica assim! Temos de nos bater em duelo!

LUKA - Ai! Minha mãezinha! Ai que gente esta! Água, dêem-me água!

SMIRNOV - Pistolas! Venham pistolas!

POPOVA - O senhor pensa que tenho medo de si, só porque berra como um urso?

SMIRNOV - Vamo-nos bater minha senhora. Não estou disposto a ser insultado por ninguém, e pouco me importa que seja mulher e pertença ao "sexo fraco"! Já é tempo de acabar com o preconceito de que só os homens têm de pagar tudo nestes, digo, neste mundo. Se querem ter igualdade de direitos, tenham-na, com seiscentos demônios! Vamos bater-nos, minha senhora!

POPOVA - Pois que assim seja, meu senhor. V, digo, Hei de mostrar-lhe com quantos paus se faz uma canoa.

SMIRNOV - Imediatamente.

POPOVA - Imediatamente! Vou buscar as pistolas de meu marido. (Vai saindo mas olta, digo, volta atrás). Não calcula o prazer que me dá meter-lhe uma bala na cabeça! Diabos o levem! (Sai).

SMIRNOV - Vou abatê-la como uma perdiz. Não sou nenhuma criança, nem nenhum pei, digo, piegas. Quero lá saber do "sexo fraco"!...



LUKA - Minha mãezinha! (Ajoelha diante dele). Tenha pena de mim, que sou velhinho...Vá-se embora, por amor de Deus. Vá-se embora! O senhor encheu-a de medo e agora quer matá-la!



SMIRNOV - (Sem ter ouvido Luka).- Se ela consente em bater-se comigo então sim, teremos a igualdade dos sexos, a emancipação da mulher e todas essas coisas...Aqui, ao menos, os sexos são iguais! Vou começar por matá-la. Mas que mulher! (Imitando Popova). "Diabos e levem...Não calcula o praza, digo, prazer que me dará meter-lhe uma bala na cabeça"... E como ela ficou vermelha, como os seus olhos brilhavam!...Aceitou o meu desafio! Palavra de honra que é a primeira vez na minha vida que encontro uma mulher assim!

LUKA - Vá-se embora, meu senhor, vá-se embora, que eu me lembrarei sempre de si naw, digo, nas minhas orações!

SMIRNOV - Isto sim, é uma mulher! Em vez de um pedaço de geléia - fogo, pólvora, um relâmpago! Chega a fazer-me pena ter de matá-la!

LUKA-(chorando).- Meu senhor...Meu querido patrãozinho, vá-se embora, vá...

SMIRNOV - Não há dúvida que gosto dela...Não há mesmo dúvida nenhuma! Apesar de ter covinhas no rosto, mesmo assim gosto dela. Estou até quase decidido a perdoar-lhe a dívida...e...é curioso...já não estou irritado...Que mulher espantosa!

POPOVA - (Entrando com as pistolas).- Aqui estão as pistolas. Mas antes do combate, o senhor tem de me ensinar como se dispara. É a primeira vez que pego numa arma de fogo.

LUKA - Meu Deus, tende piedade e protegi-a...Meu Deus, salvai-a...Tenho de ir chamar o cocheiro e o jardineiro...Porque havia esta desgraça de cair sobre nós?! (Sai).

SMIRNOV - (Examinando as pistolas).- Ora oiça, minha senhora: há várias espécies de pistolas. Há as pistolas Mortimer, que são feitas especialmente para duelos. Estas são Smith e Wesson, de ação triplíce, com extratores e percussão central. Esplêndidas pistolas, na verdade. Não devem ter custado menos de noventas rublos cada uma. A pistola segura-se assim. (Aparte). Que olhos! Parece que deitam fogo! Que extraordinária mulher!

POPOVA - Assim ?

SMIRNOV - Sim...mais ou menos..., depois faz a pontaria e puxa o gatilho, assim... A cabeça um pouco para trás...Segure a arma como lhe ensinei...Isso...O braço bem direito...Puxe depois essa coisa aí com o dedo, e pronto. O importante é conservar-se calma e apontar com firmeza...Procure não tremer a mão...

POPOVA - Muito bem. É inconveniente disparar aqui dentro. Vamos para o jardim...

SMIRNOV - Então vamos. Mas previno-a de que dispararei para o

POPOVA - Essa é boa ! Mas por quê ?

SMIRNOV - Porque...porque..., é cá comigo.

POPOVA - Está com medo?! Ah, mas não, meu caro senhor, agora já é tarde, agora não se livra disto. Venha comigo. Não descansarei enquanto não lhe esburacar a cabeça!...esss, digo, essa cabeça que tanto detesto! Então está com medo, hem?

SMIRNOV - Sim, minha senhora, a verdade é que eu não gostaria de matá-la.

POPOVA - Está a mentir! Diga por que não quer bater-se em duelo!

SMIRNOV - Porque...porque a senhora...porque gosto de si!

POPOVA - Gosta de mim! (Rindo). Tem a coragem de dizer que gosta de mim! (Apontando a porta). Vamos!

SMIRNOV - (Carrega o revólver em silêncio, pega na sua capa e dirige-se para a porta. Pára por segundos, enquanto silenciosamente se olham um ao outro. Por fim, hesitando, aproxima-se de Popova). Oiga, minha senhora...Ainda está zangada? Se soubesse como eu estou aborrecido...,mas, não sei se entende...Como hei de dizer-lhe...A verdade é que,compreende, as coisas são assim, se assim se pode dizer...(Grita).Tenho porventura culpa de gostar de si? (Afasta-se e agarra violentamente uma cadeira). Com seiscentos demônios, estou a dar-lhe cabo da mobília! Gosto de si! Compreende? Eu...eu...valha-me Deus! Até me parece que a amo!

POPOVA - Vá-se embora! Vá-se embora! Odeio-o!

SMIRNOV - Meu Deus, que mulher! Nunca na minha vida encontrei uma mulher assim! Estou perdido! inteiramente perdido! Cai na ratoeira, / como um rato!

POPOVA - Esteja quieto, ou dispare!

SMIRNOV - Pois entãã,digo, então dispare! Não pode compreender a felicidade de que seria para mim morrer diante desses olhos lindos, ser atingido por um revólver empunhado por essa pequenina mão enluvada... Sinto-me fora de mim! Pense, e procure tomar uma decisão, porque se eu sair dessa casa, nunca mais nos tornaremos a ver! Decida-se agora! Sou proprietário, respeitado por todos e tenho um rendimento de dez mil rublos por ano. Sou capaz de acertar com uma bala numa moeda atirada ao ar. Tenho alguns cavalos de excelente categoria...Quer ser minha mulher?



POPOVA -(indignada, agita a pistola).- Para o jardim! Temos de nos bater!

SMIRNOV - Endoideço...Não compreendo já coisa nenhuma...(Grita). Guriado, traz-me água!

POPOVA - (Gritando).- Para o jardim, para o jardim!

SMIRNOV - Estou fora de mim, estou apaixonado como um adolescente, um pateta! (Aperta-lhe com força a mão. Popova grita de dor). Amo-a como nunca amei, digo, Amo-a (Ajoelha a seus pés). Amo-a como nunca amei! Recusei doze mulheres, nove recusaram-me, mas nunca amei nenhuma como a amo a si! A fraqueza tomou posse de mim, derreti como se fosse de cera...E aqui estou de joelhos como um imbecil, a oferecer-lhe a minha mão...Vergonha das vergonhas! Há cinco anos que não amava ninguém, jurei a mim mesmo que isto nunca mais tornaria a acontecer, e agora, de repente, eis que me apaixono, que me deixo prender, como um peixe fora da água! Ofereço-lhe a minha mão. Sim ou não?...Responda! Não me quer? Muito bem! (Levanta-se e encaminha-se rapidamente para a porta).

POPOVA - Espere.

SMIRNOV - (parando).- Então ?

POPOVA - Nada, vá-se embora...Não, vá-se embora, vá-se embora...odeio-o! Ou não...Não se vá embora! Oh, se soubesse como estou nervosa, como estou nervosa! (Atira revólver, digo, fora o revólver). Os dedos incharam-me por causa de tudo isto...(Rasga o lenço num movimento de cólera). De que está a espera? Vá-se embora!

SMIRNOV - Adeus.

POPOVA - Isso, isso, vá-se embora...(Gritando). Para onde vai? Espere! ...Não, vá-se embora. Meu Deus, que nervoso! Não se aproxime! Não se aproxime!

SMIRNOV- (aproximando-se).- E eu! Como estou irritado comigo mesmo! Apaixonado como um estudante...Cheguei a ajoelhar-me a seus pés! (com rudeza). Amo-a! Mas para que havia eu de me apaixonar por si? Amanhã tenho os juros a pagar, e tantas coisas a fazer, e agora aqui a senhora...(Pondo-lhe os braços em volta do pescoço). Nunca poderei perdoar isto a mim mesmo...

POPOVA- Largue-me! Tire daqui as mãos! Odeio-o! Temos de nos bater em duelo! Urso!...(Beijam-se demoradamente. Luka entra com um machado, o jardineiro com um ancinho).

LUKA - (Vendo os dois a beijarem-se).- Oh! Minha mãezinha! (pausa).

POPOVA - (Baixando os olhos).- Luka, diz ao cocheiro que o Toby hoje não terá aveia durante todo o dia.

